

Desenhos na Escola Normal

A proposta de discussão do ensino ministrado nas escolas públicas — o Dia D — conseguiu empolgar toda a Escola Normal de Brasília. As 800 crianças do pré-escolar participaram com montagens cênicas e feitura de desenhos, que foram colados em todas as paredes da escola. Os alunos de 1º grau, mais de mil, participaram com as normalistas dos debates e discussões sobre o ensino na Escola Normal. Pais de alunos também fizeram parte dos grupos de discussões, afirmando unanimemente que “é preciso continuar com os debates”.

A discussão girou em torno de três grandes temas: a alfabetização, o fortalecimento da pré-escola e a habilitação para o magistério. Entre os relatórios apresentados pelos diversos grupos, constavam desde reivindicações de maiores recursos para a educação, veiculação de programas educativos através dos meios de comunicação de massa e mais universidades públicas noturnas, até pedidos de mudanças da Escola Normal, como a ampliação do magistério de três para quatro anos, redução do número de alunos por classe, oportunidade de estudo para os funcionários da escola e reforço do lanche.

A preocupação dos estudantes com a atual situação do ensino se refletiu nos pedidos formulados por eles: reuniões mensais entre pais, alunos e professores, atividades paralelas na escola, com o objetivo de informar e não apenas formar as pessoas, bibliotecas abertas em tempo integral, valorização do professor da 1ª a 4ª séries através de campanhas de conscientização popular e até mesmo aplicação de testes vocacionais nas escolas para acesso aos cursos técnicos.

No entanto, o problema salarial dos professores e a absorção de profissionais pelo mercado de trabalho não mereceram críticas por parte dos alunos. Segundo opinião das normalistas Ana Lúcia Caetano, Vânia Maria Pereira e Geórgia Nunes Alves, “quem realmente tem o ideal de educar não se importa muito com o salário que recebe por isto”. Elas acreditam que ensinar é um dom e que muitos dos professores se esquecem disto.

O preconceito dos próprios alunos que estudam em escolas públicas também foi muito debatido pelos grupos. Opiniões de que atualmente escola pública e particular oferecem o mesmo nível de ensino, se chocavam com velhas crenças de que escola particular tem mais material e equipamentos, possibilitando um ensino melhor. A diretora-geral da Escola Normal, Maria da Penha Almolda, é taxativa ao dizer que “não é a qualidade que diferencia escolas públicas e particulares, porque na maioria das vezes o professor é o mesmo”. Segundo ela, o problema é social: “Quem vai para as escolas públicas geralmente não tem o mesmo nível de formação e informação das crianças que frequentam escolas privadas, simplesmente por uma questão de nível econômico da família, e isto não é falha da escola”.

Professora há 24 anos, Maria da Penha afirma que “a escola nunca foi tão ruim no Brasil como é atualmente”. Ela acredita que o Dia D é o primeiro passo para a mudança do ensino, mas advertiu que “quanto maior a liberdade, maior o compromisso”, lembrando que quem dá sugestões hoje se compromete com a busca das soluções futuras.